

Freio no dragão

Saiba por que a inflação está caindo no Brasil

Especialistas apontam o que vem puxando para baixo o IPCA, que registrou a primeira deflação depois de 11 anos

Por: **Leonardo Vieceli**

07/07/2017 - 11h05min | Atualizada em 07/07/2017 - 12h34min

Compartilhar



Especialistas lembram que a queda na inflação é influenciada pelo recuo nos preços dos alimentos no país
Foto: Charles Guerra / Agência RBS

Divulgado pelo IBGE nesta sexta-feira (6), o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) chamou a atenção por ter registrado **a primeira deflação depois de 11 anos**. Em junho, o indicador, que mede o aumento generalizado dos preços no país, teve variação negativa de 0,23%.

Deflação é bom ou ruim?

Embora haja queda nos preços, a deflação nem sempre é vista como algo bom por retardar o consumo. Apesar disso, o sócio-diretor da Fundamenta Investimentos, Valter Bianchi Filho,

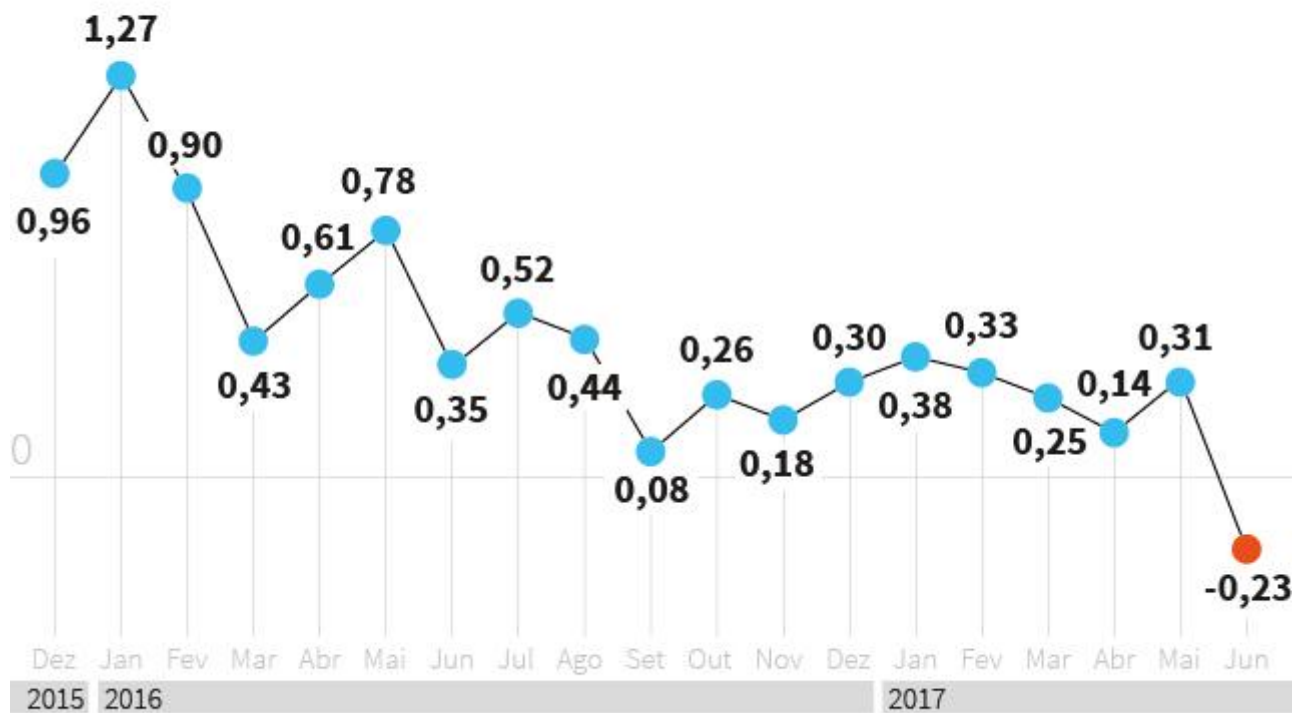
analisa que, no Brasil, o cenário é diferente:

— A deflação não é vista como boa quando é crônica, como no Japão. As pessoas esperam para comprar um carro porque estará mais barato no mês seguinte. No Brasil, acho pouco provável termos deflação estrutural. O país é consumista — ressalta.

Leia
mais:
Brasil

INFLAÇÃO DESDE 2015

Varição do IPCA em relação ao mês anterior (em %)



Fonte: IBGE

[registra primeira deflação depois de 11 anos](#)

[Deflação: entenda o que é e quais são os seus impactos](#)

[Cesta básica de Porto Alegre tem queda de 3,69% em junho](#)

[Temer diz não existir crise econômica no Brasil](#)

Especialistas apontam razões para a queda na inflação. Confira:

1. Redução nos preços dos alimentos

Especialistas relacionam a trégua na elevação generalizada dos preços a fatores com diferentes origens. Um deles é o recuo nos valores cobrados por alimentos e bebidas, que representam 26%

das despesas das famílias, segundo o IBGE, e ficaram menos salgados neste ano em razão da abundante produção colhida nas lavouras:

— Essa queda está ligada à supersafra de grãos — avalia o professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV) Joelson Sampaio.

2. Efeitos do desemprego

Outro fator lembrado é a própria recessão. Com desemprego em alta, o brasileiro passa a consumir menos. E a tendência é de que haja ainda mais dificuldades para as empresas venderem seus produtos se os preços subirem.

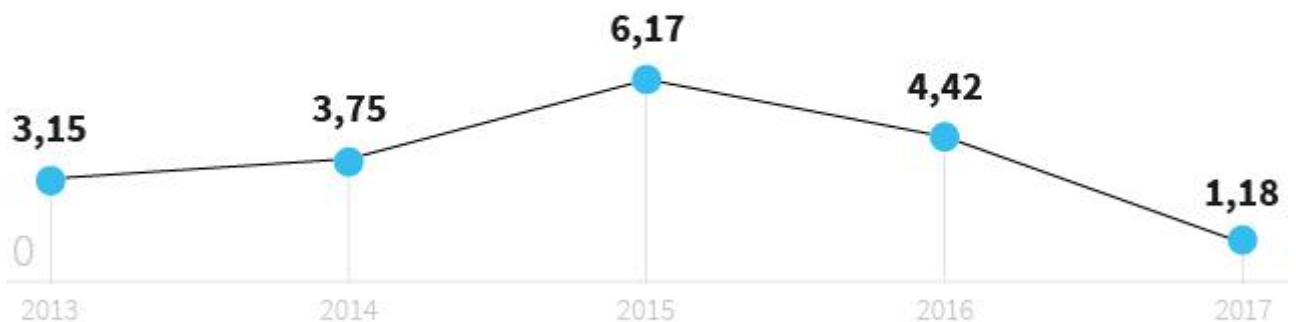
— Com menos dinheiro, as pessoas não saem tanto de casa (*para comprar*). Os preços têm de cair uma hora — lembra o economista-chefe da gestora Quantitas, Ivo Chermont.

3. Recuo nos preços administrados pelo governo

Bianchi acrescenta que os preços administrados, aqueles controlados pelo governo, como os de energia e combustíveis, também passaram a recuar. A baixa ocorreu depois de terem disparado em 2015, quando a inflação fechou em **10,67%** no acumulado do ano. Nos anos anteriores, aponta Bianchi, a gestão de Dilma Rousseff havia represado esses preços.

4. INFLAÇÃO NO PRIMEIRO SEMESTRE

IPCA acumulado de janeiro a junho nos últimos cinco anos (em %)



Fonte: IBGE

Mudança na gestão do Banco Central

Especialistas ainda mencionam que a mudança na gestão do Banco Central (BC), que tem a missão de controlar a inflação, animou as expectativas de investidores no país. Quando Ilan Goldfajn assumiu a presidência da instituição, em junho de 2016, o IPCA já estava em declínio, mas o que pesa na avaliação do mercado financeiro, diz Chermont, é a leitura de que a instituição poderá controlar o índice no médio e longo prazos. Ou seja, a percepção é de que terá capacidade para deixá-lo dentro da meta estipulada pelo governo.

Em 2017, o objetivo é encerrar o ano com o IPCA em 4,5%, podendo atingir o teto de 6% ou o piso de 3% sem configurar descumprimento da tarefa pelo BC.

— A economia está sujeita a choques. O Banco Central fica mais sensível a isso no curto prazo. Não consegue controlar se vai chover mais ou menos. Mas, quando o mercado olha no longo prazo, para 2020, por exemplo, acredita que a inflação estará dentro da meta — comenta Chermont.

5. Expectativas mais otimistas do mercado

Analistas financeiros consultados pelo BC vêm baixando as projeções para o IPCA, aponta o boletim Focus, divulgado semanalmente pela instituição. Conforme a [edição mais recente do documento](#), publicada na segunda-feira (3), o mercado reduziu pela quinta vez seguida a previsão para o IPCA ao final de 2017, para 3,46%.

— Sem inflação baixa não se organiza uma economia. Inflação baixa ajuda na reconstrução da atividade. Para quem está desempregado, há perspectiva melhor para o futuro — observa Chermont.

No fim de junho, o governo decidiu [diminuir a meta de inflação](#) pela primeira vez em 14 anos. Ancorada em projeções do mercado, a referência a ser perseguida — hoje de 4,5% — será de 4,25% em 2019 e de 4% em 2020.

— Com o PIB (*Produto Interno Bruto*) negativo em dois anos, 2015 e 2016, a inflação arrefeceu. Agora, o país precisa retomar o crescimento para gerar empregos — acrescenta Sampaio.